



## Ecoturismo na Chapada Diamantina

Por  
Antônio da Silva Câmara

O livro de Francisco Brito, **Os Ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina** (EDUFBA, 2005), fruto de uma tese defendida, com sucesso, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da UFBA, constitui-se em referência obrigatória para aqueles que desejam entender o ecoturismo, e a contraditória relação estabelecida entre agentes públicos, turistas, população local e meio ambiente no Estado da Bahia e, particularmente, na Chapada Diamantina. Mas se o cuidadoso trabalho de pesquisa documental e etnográfica sobre a Chapada Diamantina por si só já recomenda este trabalho, é inegável, no entanto, que toda a discussão sociológica sobre o turismo e o ecoturismo, contribuem para tornar este livro uma obra séria, cientificamente rigorosa e, ao mesmo tempo, bastante agradável para a leitura.

O autor toma a viagem e o ato de viajar como ponto de partida da sua obra remetendo-nos à história, apropriando-se corretamente de relatos científicos e literários

para reconstruir a viagem numa época na qual **o turismo** na acepção atual não existia. Apresenta a viagem como forma de apreender o mundo conhecido, aprimorar-se culturalmente ou mesmo desbravar as terras desconhecidas como inerente à civilização humana, tendo adquirido contornos mais nítidos na Europa ocidental pós-renascentista.

Mostra-nos que este ato de viajar, a partir da expansão do capitalismo, passou a ser vinculado ao tempo de lazer. De um lado a viagem deixou de ser requinte dos ricos e dos artistas, a exemplo de Mozart e sua tournée na Europa, democratizou-se passando a ser exercitada pelos trabalhadores. Por outro, tal democracia aponta para a perversão capitalista em apropriar-se do tempo livre e do salário poupado pelos trabalhadores. O surgimento da indústria cultural do lazer permite ao capital ampliar a parcela de mais-valia extraída do trabalho, agora através de mecanismos sutis que tornam mercadoria o ato de viajar e tudo que se encontra à sua volta. Ato de viajar que adquire expressão extraordinária na segunda metade do século XX com o *boom* da aviação mundial e a organização de roteiros exóticos que são avidamente consumidos por japoneses, europeus ocidentais e norte-americanos. Brito mostra que o turismo destrói o romântico encanto das viagens do passado, e homogeneiza todos os viajantes

transformando-os em turistas e consumidores que desejam encontrar no destino exatamente aquilo que já dispõem nos seus locais de origem. Por isso, o turismo de massa oferece o absoluto conforto, através de pacotes de viagens que incluem hotel, traslado, refeições, passeios previamente definidos, etc. As agências de turismo enclausuram seus clientes na “bolha ambiental”, privando-os de sabores como, por exemplo, o contato com a população nativa.

O ecoturismo surge na vaga ambientalista que criticava de modo radical a massificação do turismo e a destruição que este lazer provoca em escala global ao meio ambiente. Uma nova ideologia foi construída visando os segmentos que buscavam “distinção” e pretendiam ser corretos com a natureza, e, ao mesmo tempo ajudar no desenvolvimento de localidades mais afastadas dos centros urbanos, enfim o ecoturismo oferecia outra forma de ver, sentir, vivenciar e preservar a natureza, mas paradoxalmente mantendo as mesmas amarras que o capital impõe à sociedade contemporânea, qual seja: as das relações mercantis.

É essa complexidade que Brito explora quando busca entender de que forma o ecoturismo chegou ao Brasil e à Bahia, e, como em consequência deste processo o território



baiano encontra-se dividido em zonas e pólos turísticos (inclusive o semi-árido). Para compreender essa nova forma de turismo, certamente, nada melhor do que estudar o primeiro destino (em termos de atração de visitantes) ecoturístico do país: a Chapada Diamantina. Por isso na segunda parte do livro veremos a Chapada passar de um período grandioso da mineração e dos intercâmbios com a Europa, para uma Chapada estagnada com o fim da mineração, e, posteriormente, “ressuscitada” pelo ecoturismo que ocupa suas cidades, suas vilas e suas trilhas. Quais são os beneficiários deste novo tipo de desenvolvimento? A pesquisa detém-se sobre os moradores, os guias, os donos de hotel, o poder público, e o próprio turista. Brito mostra o quanto é contraditória essa relação social: a população obtém benefícios mas torna-se dependente desta atividade, novamente teremos uma monoatividade para a região da Chapada.

Ao debruçar-se sobre o turismo no cotidiano da Chapada, Brito cruza dados censitários e informações obtidas com sua pesquisa de campo e com informações de ordem subjetiva. A experiência turística é reconstruída a partir de entrevistas com turistas nacionais e estrangeiros, mas também com a própria participação do pesquisador que também fez passeios e trilhas no intuito de entender as dificuldades vivenciadas pelos ecoturistas bem como o prazer e o deslumbramento destes diante da natureza.

Este livro nos alerta para os efeitos positivos e negativos do ecoturismo. Brito não é determinista, nem apocalíptico, mas percebe que este tipo de turismo não pode continuar sem um planejamento mais rigoroso, sem o cuidado com a própria população local, sem a atuação efetiva dos movimentos sociais. Lembra-nos que outros destinos turísticos já foram avidamente consumidos pela indústria cultural, por isso é necessário posicionar-se

contra a uniformização do consumo da natureza e não nos deixarmos iludir pelas novas promessas ideológicas que descobrem atividades que miraculosamente, como em um passe de mágica resolvem ao mesmo tempo a questão do desenvolvimento das forças produtivas e a proteção do meio ambiente. Soluções aparentemente fáceis que encontram apoio em Instituições financeiras internacionais e transformam muitas vezes pacatas vilas em balneários de luxo.

Ler este livro é realizar uma viagem ao universo das viagens antigas e modernas; compreender as mudanças na subjetividade humana, o seu esvaziamento na era da cultura de massa, o seu simulacro na aparente originalidade do turismo de aventura e ecológico. É, sobretudo, aprender a questionar as alternativas limpas de desenvolvimento e inquirir-se sobre a sobrevivência das populações nativas atingidas pela expansão do lazer em escala internacional.

Antônio da Silva Câmara é Doutor em Sociologia (Universidade de Paris VII), professor do Departamento de Sociologia e Coordenador da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia – UFBA. [câmara@ufba.br]



*o olho da história*

n. 10, abril de 2008